

Raymond Abellio

Génese e Transfiguração do Ocidente



Conferência na Biblioteca Nacional,
Lisboa, 31 de maio de 1977

Passados vinte e cinco séculos, o Ocidente reuniu todas as condições – essa é pelo menos a minha convicção – para adquirir uma nova consciência, uma consciência que se deve dizer transcendental, da sua missão.

Eu não sou pessimista, como veem, sobre o destino do Ocidente. Nem otimista, nem pessimista – não sei – mas é incontestável que atualmente, depois de vinte e cinco séculos de triunfos, de sofrimento e de ruínas acumuladas pelo Ocidente – neste mesmo momento em que surge ameaçado de morte – a sorte, a possibilidade de uma consciência nova abre-se a ele. Segundo nascimento, consciência transcendental, é a mesma coisa.

A primeira expressão, “segundo nascimento”, é retirada da Tradição¹; “consciência transcendental” é pelo contrário uma expressão proveniente da filosofia moderna: a fenomenologia transcendental de Husserl.

Pronuncio o nome de Husserl pela primeira vez perante vós – e voltarei a ele muitas vezes ao longo da minha exposição: para mim, Husserl, é o último filósofo do Ocidente. Não o último no sentido em que ele liquida a filosofia, mas ao contrário, no sentido em que ele a *coroa*.

Quando eu falo de consciência transcendental, de imediato isso significa que eu não me coloco sobre um plano político, mas metapolítico, e mesmo metafísico, e significa também que eu não me coloco no plano da história corrente, mas, pelo contrário, num plano transhistórico. Isso espero eu, irá aparecer muito claramente. E de imediato, eu digo também que se se fala de crise, de decadência do Ocidente, está a empregar-se um vocabulário ingénuo.

Há uma história visível, em que o Ocidente está em crise, e onde ele está mesmo ameaçado de morte. Ele está em crise no seu corpo, ele está em crise na sua alma, ele está em crise no seu espírito. Em crise no seu corpo, na sua potência física, pelo facto de que os imperialismos se afrontam, e que todas as nações (o Novo Testamento di-lo claramente)... todas as nações divididas contra elas-mesmas morrerão. Em crise física, para lamentar, igualmente, a impotência do Terceiro Mundo.

A crise da sua alma exprime-se pela subversão dos seus próprios valores, designadamente os valores da liberdade e da justiça, que são valores religiosos e que, logo que os fazem descer para o plano político, tornam-se profanos. E em crise sobretudo e essencialmente – e é o mais importante – talvez na sua inteligência, no seu espírito, pela crise das ciências.

A crise das ciências ocidentais, no momento presente, é evidentemente manifesta. Mas é uma crise, repito-o, positiva, e é aí que eu quero dizer que ao lado da história visível há a uma história transcendental, uma história que pode *denominar-se invisível, mais secreta*, e – por que não empregar esta palavra? – uma história sagrada, para qual, incontestavelmente a guerra, o mal, devem ser relativizados, e para a qual não pode haver negatividade pura, não pode haver regressão, e decadência puras. Tudo tem um sentido positivo que importa descobrir. E todo o problema da consciência transcendental é o de soltar o sentido positivo das coisas que aparentemente são as mais negativas, como o mal, ou a guerra, ou o sofrimento dos homens. Bem entendido, os métodos desta nova ciência histórica, transcendental, constituem um problema chave: como chegar a discernir a positividade que se esconde detrás dos acontecimentos aparentemente mais subversivos. Esse é o tema mais profundo da minha exposição.

¹ Nota do Tradutor (NT)- No sentido que é dado por Raymond Abellio, por Tradição deve compreender-se um corpo alargado, heterogéneo, disperso e fragmentário de conhecimentos de proveniência (ou proveniências) desconhecida(s) que se manifestam através uma série de preceitos, crenças e comportamentos de natureza mítica, mágica ou religiosa, que denotam uma sabedoria primordial de caráter pré-reflexivo e arquetípico, e que apesar da dispersão e da heterogeneidade dos restos que dela nos chegaram até nós, estes apresentam entre si inequívocos sinais de convergência e de consonância. Sobre esta dimensão ou fundo arquetípico, em *O Homem e os seus Símbolos*, última obra de Jung, publicada postumamente em 1968, o autor refere: “O meu ponto de vista sobre os ‘restos arcaicos’, que chamo de ‘arquetipos’ ou ‘imagens primordiais’, têm sido constantemente criticado por pessoas que não têm um conhecimento suficiente da psicologia dos sonhos e da mitologia. O termo ‘arquetipo’ é muitas vezes mal compreendido, no sentido de significar certas imagens ou motivos mitológicos definitivos, mas estes não são mais do que representações conscientes. Essas representações variáveis não podem ser herdadas. O arquetipo é uma tendência para formar novas representações, a partir de um motivo de representações, podendo variar muito em detalhes, sem nunca perder o seu padrão básico.”

Um homem como Husserl, de quem vou fazer uma citação a todos os títulos notável, pôs em evidência este papel fundamental do novo conhecimento ocidental. No seu livro, *A Filosofia como ciência de rigor*, diz: “*A Nossa época, segundo a sua vocação, é uma grande época.*” E acrescenta, e é uma chave: “... *mas ela sofre do ceticismo que atinge os seus ideais não clarificados.*” “*Os seus velhos ideais não clarificados*”: nós estamos já em plena referência à Tradição.

Tomemos como exemplo do que eu chamo “a história invisível”, a data de 1492. Para nós é a expedição de Cristóvão Colombo em direção à América, é a descoberta da América. Mas para os judeus é a data da expulsão da Espanha, da grande expulsão, que foi para eles uma catástrofe considerável. É ao mesmo tempo o início dos tempos modernos. O Renascimento está bem próximo.

Bom, eu chamo « história invisível » a uma história que coloca em relação factos aparentemente tão independentes, e tão distintos como estes.

História invisível

Um outro exemplo: o período de 1964-1968, que viu a revolta estudantil no mundo e que começou em 1964, em Berkeley². É ao mesmo tempo a época da guerra dos Seis Dias em Israel; é a época da Revolução Cultural na China; é também a época de um facto aparentemente bastante menos importante: o voto do Congresso americano recusar ajudar o Terceiro Mundo, se o Terceiro mundo não tomar medidas para reduzir a taxa de nascimentos.

Eis um conjunto de factos totalmente distintos. Não se pode fazer História séria – o que eu chamo História *transcendental* – a não ser que se estabeleçam relações estreitas entre todos estes factos, relativizando-os, e fazendo-os proceder de uma causa comum. Nesse momento, uma operação intelectual, e em todo o caso diferente, opera-se, relativamente às operações intelectuais normais, sobre a noção de causalidade. Passa-se das causas eficientes, das causas lineares de causa a efeito, às causas finais, quer dizer àquelas que fazem remontar o efeito em relação à causa. Eu sei bem que as causas finais não gozam de boa fama, elas prestam-se a todos os desvarios intelectuais. Spinoza dizia: “*As causas finais, são o asilo da ignorância.*” Eu queria reabilitar a concepção das causas finais – não que esse seja um método a aplicar sistematicamente: é necessário enquadrá-lo, é necessário dar-lhe parapeitos intelectuais. Mas os esoteristas, aqueles que são zelosos da Tradição, sempre tentaram discernir na papa complexa dos acontecimentos a orientação destes e tentaram explica-los pelo fim que esses acontecimentos prosseguiam.

Causas finais

Já Séneca, no tempo dos Romanos, se admirava da atitude dos sacerdotes etruscos. (Os sacerdotes etruscos eram os chefes de um povo que era anterior aos Romanos na história de Roma.) Séneca dizia: “*Estes sacerdotes etruscos, é estranho, afirmam que não é porque as nuvens chocam que cintila o raio – é para que o raio cintile que as nuvens chocam.*” Maravilhoso exemplo de causa final.

Bem entendido, repito-o: tais concepções, tais explicações, que não explicam nada, ou que não explicam senão *a posteriori*, que são profecias de chegada (ou profecias de depois, como dizia Montaigne), prestam-se a todos os desvarios poéticos. Pode-se explicar tudo dessa forma.

Nova Gnose

Não é o método que eu proponho. Para tentar por ordem na história transcendental, o método que vou propor-vos é um método operatório; é um método lógico, é uma *nova lógica*. Os americanos diriam “uma nova gnose” (a palavra está na moda atualmente na América, antes de ficar no Ocidente).

² A primeira grande mobilização do movimento estudantil nos Estados Unidos aconteceu na Universidade da Califórnia, em Berkeley, em 1964-65, com os estudantes a reivindicarem o direito de organizar atividades políticas no *campus*, já que, nos anos 1950, os administradores dessa universidade pública haviam banido essas atividades. Estes protestos foram informalmente liderados pelos estudantes Mario Savio, Brian Turner, Bettina Aptheker, Steve Weissman, Art Goldberg, Jackie Goldberg, entre outros. Muitos dos protestos inseriam-se dentro do movimento *Free Speech* que teve forte repercussão nacional, e que assinalou o início da contracultura. Na sua obra capital, Raymond Abellio atribui a estes motins uma relevância particular, vendo no refluxo dos mesmos sobre a Europa, a origem dos movimentos estudantis de Maio de 68, que assinalaram a instauração de uma onda revolucionária que fustigou e varreu todo o hemisfério Norte.

Para mim atualmente, o essencial é estabelecer o discurso do método: os princípios que permitem tornar operatório um certo número de regras intelectuais, de forma a servir de parapeito aos desvarios mais ou menos poéticos de todos os simbolismos que invadiram o esoterismo.

Logo que Husserl fala desse ceticismo que dissolveu “os antigos ideais não clarificados” – é de facto uma referência explícita à Tradição – e de uma forma subjacente, a Tradição está presente. O que são esses ideais? Sem ter tempo de fazer aqui uma demonstração completa que me conduziria a um novo começo, quer dizer, demasiado longe, eu vou dizer-vos de imediato, que de uma forma aqui implícita, eu admito, como ele, as essências de uma Tradição primordial – e vós encontrareis esse tema subjacente em toda a minha exposição.

Existe segundo penso uma Tradição primordial, qui é a de um tempo comum a todas as religiões, a todas as filosofias, a todos os mitos, a todos os símbolos – de que nós vemos hoje proliferar o estudo. Essa Tradição primordial foi dada de uma vez só à Humanidade, mas de uma forma *velada*. É evidente, quando se consulta certos documentos essenciais, não propriamente raros, que eles contêm símbolos que se prestam muitas vezes a dificuldades enormes de interpretação, e que dão novamente lugar a desvarios da imaginação. Mas existem *ideogramas*, e eu chamo a vossa atenção para facto capital da existência de ideogramas que não são suscetíveis de variações estruturais. Com eles, não se pode mudar o texto: o ideograma não tem texto, ele é tal como vos foi dado, vós recebestes-lho tal como ele é, e os séculos transmitem-lhos sem variações possíveis. Há por exemplo o simbolismo da cruz – a cruz é um ideograma extremamente simples – e ali, está-se sujeito a um certo simbolismo que se presta a todos os desenvolvimentos e por conseguinte a todas as controvérsias. E finalmente há dois ideogramas, fundamentais na Tradição, e que nós vamos encontrar na nova gnose, que constituem a sua pedra de fecho; eles fornecem a prova desocultada de que nós estamos na verdade. São a *Árvore Sefirótica*³ da Cabala⁴ e os hexagramas do I Ching⁵ dos antigos Chineses, documento que talvez seja o mais antigo da humanidade (cinco ou seis mil anos de idade, se não ainda mais, não se sabe): são documentos milenares. Mas são imagens geométricas, com palavras, claro, mas o essencial é a articulação geométrica, e aí, sejam quais forem as glosas, seja qual for a gama de comentários que vieram sendo acumulados sobre estes documentos desde o início da humanidade, os documentos permaneceram aquilo que são: traços sobre papel, e esses traços, não puderam ser mudados, é uma imagem geométrica. Foram portanto dados de uma só vez, mas de uma forma *velada*, na medida em que os homens que receberam essa revelação ou essa instrução – não se conhece a origem; foi talvez uma revelação, a graça do espírito santo, ou uma instrução por gente vinda de algures a que os hindus chamam os grandes “*rishis*”⁶, o problema não tem importância – seja como for é imperioso que tenha

³ NT- A Árvore sefirótica é um dos símbolos judaicos da cabala. Também chamada “Árvore da Vida”, a Árvore Sefirótica retrata os *Sefirot*, criadores do universo. Constitui um diagrama composto de dez esferas que representam as dez fases e os mundos da cabala, a saber: Reino (*Malchut*), Fundação (*Yesod*), Majestade (*Hod*), Resistência (*Netzach*), Compaixão (*Tiferet*), Amor (*Chesed*), Poder (*Gevurah*), Sabedoria (*Chochmah*), Inteligência (*Binah*) e Coroa (*Keter*).

Formalmente assemelha-se a uma árvore invertida, representada com as suas raízes a tocar o céu, enquanto os seus ramos permanecem na terra. Esse símbolo cósmico da cabala aponta para a evolução espiritual, na medida em que as raízes buscam o mantimento espiritual do céu, espalhando assim, no mundo terreno, a sabedoria divina.

⁴ NT- Cabala, ou Kabbalah, significa literalmente “receber/tradição”, constituindo uma escola de pensamento ou modelo esotérico originado no judaísmo. A Cabala é um conjunto de ensinamentos esotéricos feitos para explicar a relação entre uma imutável, eterno e misterioso *Ain Soph* (sem limites) e o universo mortal e finito (criação de Deus). A Cabala procura definir a natureza do universo e do ser humano, a natureza e o propósito da existência, e diversas outras questões ontológicas. Também apresenta métodos para auxiliar a compreensão desses conceitos e, assim, atingir a realização espiritual.

⁵ NT- O I Ching, ou Livro das Mutações, é um texto clássico chinês composto de várias camadas, sobrepostas ao longo do tempo. É um dos mais antigos e um dos únicos textos chineses que chegaram até nossos dias. *Ching*, significando clássico, foi o nome dado por Confúcio à sua edição dos antigos livros. Antes era chamado apenas *I*: o ideograma I é traduzido de muitas formas, e no século XX ficou conhecido no ocidente como ‘mudança’ ou ‘mutação’.

O ‘I Ching’ pode ser compreendido e estudado tanto como um oráculo quanto como um livro de sabedoria. Na própria China, é alvo do estudo diferenciado realizado por religiosos, eruditos e praticantes da filosofia de vida taoísta.

⁶ NT- **Rishis** segundo a Tradição Pós-védica, são sábios ou santos que formam uma classe peculiar de seres humanos divinos no sistema mítico ancestral, como sendo distintos de Asuras, Devas e homens mortais. Swami Vivekananda descreve os *Rishis* como *Mantra-drashtas* ou “videntes do pensamento”, e refere “*A Verdade chegou aos Rishis da Índia – os Mantra-drashtás, os videntes do pensamento – e virá a todos os Rishis no futuro, não aos faladores, não aos devoradores de livros, não aos escolares, não aos filólogos, mas aos videntes do pensamento*”.

vindo de qualquer lado – si foram os grandes “*rishis*” que as trouxeram, ou quaisquer extraterrestres que tenha desembarcado um dia, há sete ou oito mil anos, deram-nos isso e foram-se embora, deixando crianças que desposaram, como diz a Bíblia, “*as filhas dos homens*” -, pouco importa, forçosamente receberam-no de qualquer parte, essa revelação, se quiserem, de uma inteligência superior, de uma inteligência cósmica, de uma inteligência divina, não joguemos com as palavras: este não é um problema filosófico. Portanto, dizia eu, os homens que receberam essa revelação não dispunham nem dos elementos, nem dos operadores ou dos meios intelectuais, ou conceptuais, suscetíveis de colocar essas noções em frases claras. Porquê? Porque nessa época antiga da humanidade, onde a consciência não tinha atingido os graus de precisão, de capacidade de análise que ela detém atualmente. Os homens viviam em estado de participação universal no mundo, participação dita mística se quiserem - esta palavra “participação” é uma palavra verdadeiramente clarificante. Eles estavam, diziam os antigos hindus, em estado de clarividência: eles chamavam a isso a “*shruti*”⁷. Por outras palavras, uma espécie de estado de sinestesia – o mundo falava-lhes ou, mais exatamente, eles *sentiam* o mundo. No *Génesis* de Moisés, logo que Moisés recebeu a Lei no cume do monte Sinai (o povo reunido em baixo, e vendo a nuvem ardente no cume da montanha), a Bíblia diz textualmente: “O povo via os sons do trovão e das trompetas”. “Via” – e não “ouvia”, “via”.

O que prova bem que havia uma espécie de sinestesia, de fusão de todos os sentidos: o ouvido, a vista, etc. Uma espécie de estado de indistinção, e vós encontrareis aí aliás o simbolismo do *Génesis* de Moisés, quando se diz que, ao sair do Paraíso, desse estado de indistinção entre o homem e o mundo, “Adão e Eva receberam envelopes de pele”. O que quer dizer isto? Que os constituíram como indivíduos separados, dando-lhes um ego que eles não tinham. E toda a evolução – antes, toda a *involução* – da humanidade, nesse período (que nós chamaremos *descendente* simplesmente de uma forma simbólica) em que o homem adquiriu uma individualidade, consistiu justamente dotá-lo de uma razão *raciocinante*, uma razão “separada” – a separá-lo do mundo dando-lhe uma inteligência analítica, que permitia fazer distinções, cortes. O triunfo dessa razão separada, é o começo dos tempos modernos, é Galileu, Descartes ou Newton. Mas depois que o triunfo da dualidade entre o homem e o mundo, entre o espírito e a matéria – que constitui o fundo do cartesianismo – depois que essa separação triunfou, dando os resultados que se sabe (quer dizer o enorme triunfo das ciências modernas, e ao mesmo tempo a crise atual – porque no fundo a crise é o corpo, a consequência imediata do triunfo), nós sabemos que é necessário sair dessa razão separada, e abordar os períodos de reintegração.

Sinestesia

Noutros termos, nós sentimos hoje que estamos no ponto de passar da situação dos antigos *reflexos de participação* ao estado de *poder* consciente, e de dominar intelectualmente as condutas do mundo. Nós vamos transpor o combate da involução (que é um período de crise e nós estamos plenamente dentro dela), mas nós atravessá-lo-emos, pelo menos nós temos sinais que permitem pensar que nós estamos em vias de o transpor – e nós sentimos que nós vamos poder adquirir novos poderes em que a razão deixará de ser uma razão separada, um simples instrumento logico-dedutivo, e tornar-se-á naquilo que Husserl chama a «razão transcendental», aquela que nos colocará em estado de comunhão com o mundo. Nesse momento, espírito e matéria não serão senão um.

É o problema da *transfiguração*, é o problema *comunhão*, que caracteriza o remontar do homem em direção aos antigos poderes. Nós temos perdido poderes que os animais têm ainda: poderes de orientação, poderes de premonição... É evidente, ou pelo menos é certo para mim, que os homens antigos tinham-nos. Porque os perderam? Porque que a razão os obliterou, a razão separada obliterou-os – e é o fenómeno conhecido em biologia pelo nome de *neotenia*. Se nós parecemos

Neotenia

In, VIVEKANANDA, Swami, *Swami Vivekananda Quotes*, URL: <http://www.swamivivekanandaquotes.org/2014/03/swami-vivekanandas-quotes-on-rishis-and-sages.html>, Consultado em 12 de abril de 2015.

⁷ NT- *Shruti* (do Sânscrito “*aquilo que é ouvido*”) é um cânon de escrituras hindus. Não data de um período particular, mas atravessa a história inteira do Hinduísmo. Começou com os textos mais antigos conhecidos, e estende-se até aos tempos modernos. *Shruti* é dito não ter autor, Ao invés, acredita-se que tem gravações divinas dos “*sons cósmicos da verdade*”, ouvidos por *rishis*. Existem vários modos, que competem entre si, de definir *Shruti*. É mais comumente definido como sendo composto pelos quatro Vedas.

atrasados sobre esse ponto com os antigos, com os animais, isso é para conhecer uma mais alta escalada. É certo por exemplo que o feto ou a cria do macaco parece avançado, quanto aos seus poderes físicos, sobre a criança lactente ou o feto humano – mas esse atraso, neotenia, é de facto a promessa de uma mais alta escalada. Nós partimos de lá para ir mais longe; somente, nós levamos mais tempo. Nós temos esse atraso e nós somos recompensados desse atraso por uma escalada superior.

*Mística
vs Gnose*

Em matéria de ciência transcendental, as palavras atraso e avanço não fazem sentido. Nós veremos isso mais tarde. Portanto, numerosos sinais nos mostram que hoje em dia nós deixamos o domínio da razão separada, da razão analítica, por uma reintegração no sentido da razão transcendental. Já a seguir tentarei enumerar o conjunto de sinais. Mas isso acompanha-se incontestavelmente de uma desocultação de textos sagrados. De uma desocultação da Tradição. E a esse respeito, nós estamos plenamente aí, trata-se de saber como, na sequência da nossa história de vinte e cinco séculos, essa Tradição se manteve subterraneamente. Não é desinteressante ver a genealogia do Ocidente sob o ângulo, da emergência progressiva da história santa, da história secreta. E eu gostaria de dizer, na minha primeira parte, o que foi de facto, desse ponto de vista, a genealogia do Ocidente. Mas eu peço-vos que mantenham presente no espírito a distinção que faço entre a mística e o conhecimento, entre a mística e a gnose: a mística é a fé, a gnose é o conhecimento. Esta distinção é clássica, mas é cada vez mais importante tê-la presente ao espírito atualmente, onde nós somos invadidos por um montão de técnicas – que têm o seu valor, de resto, tudo é positivo, para mim não há negatividade pura no mundo, repito-o – portanto, dizia eu, somos invadidos por um montão de técnicas de adormecimento da racionalidade ocidental. Ora, perante a racionalidade, nós ocidentais temos o dever de não ter complexos de inferioridade. Ao procurar-se hoje todas essas técnicas orientais de adormecimento da inteligência ou da razão, pretende-se colocar-nos, a nós Ocidentais, numa espécie de complexo de inferioridade, ou de culpabilidade em nome dos nossos triunfos históricos no plano da potência. Importa sobremaneira recusar deixarmo-nos enveredar por esse processo! Porque, afinal, nós temos também as nossas técnicas a apresentar: as técnicas da *gnose*, não são técnicas místicas; evidentemente será necessário ser capaz de demonstrar que nós possuímos essas técnicas, e *mostrar* o que elas valem. E, precisamente, o assunto da minha exposição é a procura dessas técnicas, a procura desses modos operatórios que presentemente se impõem aos Ocidentais conscientes e organizados que nós somos ou que devemos ser.

Haverá portanto duas partes na minha conferência. Primeiramente, a genealogia do Ocidente relativamente à Tradição, quanto à manutenção, à profanação, e, mesmo, à reemergência progressiva da Tradição, e em segundo lugar a revolução epistemológica, a revolução transcendental do século XX, o seu estado atual, e as suas perspectivas.

*

*Genealogia
do
Ocidente*

Genealogia do Ocidente. Na minha investigação para a Estrutura Absoluta, comecei por estudar a Gênese de uma forma sistemática e disse: toda a Gênese, seja de um indivíduo, de um povo ou de uma civilização, passa por quatro etapas: *a concepção, o nascimento, e a seguir o batismo e a comunhão*. Criticaram-me por empregar o termo “batismo” e “comunhão” num sentido que não é o sentido estrito que o cristianismo dá a essas palavras que designam sacramentos; mas nós temos o direito de usar certas palavras e mesmo, eu diria, de as amplificar, de lhes dar um sentido mais vasto, com a condição de bem as definir. Eu disse que é preciso saber o que são esses sacramentos, batismo e comunhão, na aceção cristã – e ver se eles não escondem um sentido ontológico de alguma maneira mais estendido que o sentido propriamente religioso. A concepção, compreende-se o que é. É o germe, é a constituição do germe invisível na matriz, numa mãe – o germe é invisível ao mundo. O nascimento, ao contrário, é a aparição ao mundo. Quando alguém nasce, quando uma civilização nasce, ou quando um homem, um lactente, um ser nasce, ele não está consciente de si, ele aparece como objeto, num mundo mais ou menos indistinto.

O que é o batismo do ponto de vista ontológico? Pela primeira vez, no batismo, o ser toma consciência de si, ele “se” vê. Ele vê já o mundo à sua volta depois do seu nascimento, mas pela primeira vez ele vê-“se”. Ele aparece a si-mesmo como *sujeito*, num mundo *de objetos*. E pouco a pouco o mundo revela-se à sua volta, distinto em todas as suas partes. A *comunhão* é um novo sacramento dessa gênese, dessa escala da consciência, em que o indivíduo aparece sempre como *sujeito*, mas desta vez num mundo *de sujeitos*. É o nascimento da intersubjetividade – eis uma definição ontológica simples que eu vos proponho, e que permite mesmo desta forma classificar bastantes acontecimentos.

Desse ponto de vista, a **conceção** do Ocidente surge nesse período do século VI ao século IV antes de Cristo, antes da era cristã, que foi um período notável no mundo inteiro, pois viu o nascimento, a caracterização clara do mundo grego com Thales e Pitágoras, os pré-socráticos, depois Platão e Aristóteles, um pouco mais tarde.

Com os judeus, é o cativo da Babilônia. É significativo que, enquanto os judeus partiam em cativo para Babilônia em 586 a.C., Thales, primeiro grande geômetra grego, tenha predito um eclipse; ele predisse-o, por meios puramente matemáticos. É igualmente a época de Zoroastro, no Irão, e foi a época de Buda, não se pode esquecer, na Índia. Tudo isto no século VI, época prodigiosa da história da humanidade. E para o Ocidente – nascimento do germe do Ocidente, concepção do Ocidente na medida em que o germe judeu entrou na matriz grega. Nesse momento, de uma forma invisível claro, existem duas civilizações, a judaica e a Grega, que começam a ser claramente caracterizadas, e que se irão conjugar na era cristã, que será o nascimento do Ocidente. Notem contudo que há uma inversão nestas duas civilizações. O Ocidente, saído do mundo grego, é expansivo, é imperialista, conquistador. Ele exprime-se em termos de conquista. O Mundo judaico exprime-se em termos de exílio. O Ocidente exprime-se em termos de expansão, de organização, de extensão, de colonização. O Mundo judaico exprime-se pela Diáspora: pela dispersão. Até à Revolução francesa, haverá uma inversão completa entre estas duas histórias, como se elas não fossem comunicantes, e contudo Deus sabe quanto elas estão associadas.

Batismo, no Renascimento. **Nascimento**, na era cristã. O Nascimento estende-se durante, três séculos até ao Édito de Constantino, ou Édito de Milão em 313, quando o Império Romano se torna oficialmente Cristão. O batismo ocorre durante a Renascimento – a palavra é perfeitamente explícita, re-nascimento. E a data chave não é, como se diz, 1453 que é uma data negativa no sentido em que ela assinala o limite a leste do Ocidente, pois é a ocupação definitiva de Constantinopla pelos Turcos; bastante mais significativa é a data de 1492, que marca o início das grandes expedições oceânicas. Vós, Portugueses, haveis desempenhado um papel considerável, vós o sabeis: é a descoberta da América por Cristóvão Colombo, e é ao mesmo tempo – e isso é capital, porque as duas histórias encontram-se associadas – a grande expulsão dos judeus de Espanha, seguida pouco depois pela sua expulsão de França e pela sua expulsão de Portugal.

E quanto à **Comunhão**, é a Guerra da Independência americana e a Revolução francesa em 1789 que, do ponto de vista ontológico, declara a universalidade dos valores ocidentais. Pela primeira vez, os valores de justiça e de liberdade, quer religiosa, quer política, proclamados pela Guerra da Independência americana e pela Revolução francesa de 89, estão em estado de comunhão, e partem à conquista do mundo. E ao mesmo tempo, na história judaica, é o reconhecimento imediato, tanto na América como na França, da cidadania dos judeus pela primeira vez, o que marca teoricamente o fim das perseguições aos judeus.

Se se toma, etapa por etapa, estes quatro estágios da genealogia do Ocidente, uma pessoa entrega-se a um monte de observações em todos os aspetos notáveis que não tenho tempo de falar perante vós, porque não é um curso de história o que pretendo dar-vos. Eu vou deter-me, eu vou ficar concentrado, limitado, à presença da Tradição. Essa Tradição, quer se queira que não, é essencialmente judaica. Eu sei bem que se discute atualmente, entre eruditos, o valor comparado, do ponto de vista sagrado, entre o alfabeto grego e o alfabeto hebraico. Sobre esse assunto, a minha

convicção é profunda, por muitas razões cujos detalhes técnicos não tenho tempo de desenvolver perante vós, eu creio que o cativo de Babilónia é o momento em que nasceu não o profetismo judaico, mas a formalização da sua tradição, no Antigo Testamento; é o momento, em que nasceu nomeadamente o hebreu quadrado, quer dizer, a forma definitiva da escrita hebraica, que desde há dois mil e quinhentos anos nos chegou sem nenhuma modificação; é aliás aí onde Esdras, o Profeta, um chefe da casta sacerdotal, pronunciou a interdição do casamento misto, deixando as mulheres estrangeiras à porta. É, por conseguinte, o momento em que o povo judeu tomou consciência da sua autonomia. No povo judeu, foi verdadeiramente o homem no casamento que provocou a filiação ocidental, enquanto no mundo grego foi sobretudo a mulher.

Nesse ponto de vista, o hebreu, a tradição hebraica (ainda que de uma origem comum à grega visto que ela é egípcia, como a tradição de Pitágoras: Platão encontrou as suas indicações esotéricas modificadas nos textos de que Sólon se apropriou nos templos egípcios de Sais), esta tradição judaica (tradição oral, e ainda não tradição escrita) parece-me infinitamente superior, no seu valor sagrado, à escrita grega. E logo a seguir nasce a Cabala.

Há três cabalas: a cabala *fonética*, a cabala *gráfica* e a cabala *numeral*. A cabala fonética, talvez a mais antiga, é a que da importância à enunciação dos sons. O nome Javé (YHVH), sendo impronunciável, exceto no “santo dos santos”, possuía uma ação mágica extraordinária: é o princípio dos mantras hindus. Na cabala gráfica, a forma das letras possui igualmente uma influência mágica – e encontramos aqui tudo o que hoje tem que ver com as ondas da forma e a radiestesias. E quanto à cabala numeral que se abria a técnicas extremamente rigorosas no sigilo do rabinato, e a instruções dadas aos candidatos ao sacerdócio judaico: isso chamava-se a *guematria*, que repousa essencialmente sobre a circunstância de que as letras do alfabeto judaico são números. Isto é fundamental: não há números em hebreu, apenas letras (quando vós contais em hebreu vós estais obrigados a usar as vinte e duas letras às quais são dadas um valor numérico convencional). Considerando que o valor de uma palavra resultava da adição do valor das suas letras, esta guematria permitia estabelecer relações aritméticas que na realidade eram relações metafísicas, relações *lógicas*, e mesmo relações *proféticas*. Quando vós ledes os textos de que vou falar, vós não podeis deixar de sentir que aí se sente estar em presença de uma energia universal. Dito de outra forma, tudo o que a ciência moderna procura presentemente (todos os problemas que ela coloca de um ponto de vista energético - designadamente a geometria do espaço, que foi um dos traços do génio de Einstein.) encontra-se já na cabala hebraica cultivada nos templos desde o cativo de Babilónia...

Nesse momento, era uma tradição puramente oral. Durante esse tempo, os Gregos faziam a geometria, a aritmética profana – de uma forma, de resto, brilhante, visto a nossa ciência ter daí nascido. Mas a ciência grega e a filosofia judaica são também em estado de inversão, uma em relação à outra. Como o monoteísmo judaico em relação ao politeísmo grego, como os valores individuais de liberdade e de justiça dos judeus, se opõem aos valores cósmicos dos Gregos – a necessidade, a liberdade nos judeus, a necessidade cósmica nos Gregos.

Vós poderíeis estabelecer paralelismos extremamente satisfatórios entre estas duas civilizações. Esse não é o meu assunto. Esta Tradição, tê-la-ão conservado os Judeus intacta? Sim ou não? Eles dividem-se. Toda a sociedade se divide – porque da religião, do conhecimento, passa-se ao plano da potência. Ora a casta sacerdotal judaica, composta essencialmente por Saduceus⁸ e Fariseus⁹, opôs-

⁸ NT- Saduceus é a designação da segunda escola filosófica dos judeus, ao lado dos fariseus. É difícil determinar a sua origem. Sabe-se que existiu nos últimos dois séculos do Segundo Templo, em completa discórdia com os fariseus. Diferiam dos fariseus por não aceitarem a tradição oral. Na realidade, parece que a controvérsia entre eles foi uma continuação dessa hostilidade que havia começado no templo dos macabeus, entre os helenizantes e os ortodoxos. Com efeito, pertencendo à classe dominante, os saduceus tinham amigável contacto com ambientes helenizados, e estavam inclinados a algumas modificações ou helenizações. O conflito entre estes dois partidos foi o desastre dos últimos anos da Jerusalém judia.

⁹ NT- Fariseus é o nome dado a um grupo de judeus devotos da Torá, surgidos no século II a.C.. Opositores dos saduceus, criam numa Lei Oral, em conjunto com a Lei escrita, e foram os criadores da instituição da sinagoga. Com a destruição de Jerusalém em 70 d.C. e a queda do poder dos saduceus, a influência dos fariseus cresceu dentro da comunidade judaica, tendo-se tornado os precursores do judaísmo rabínico. A palavra Fariseu tem o significado de “separados”, “a verdadeira comunidade de Israel”, “santos”.

se de imediato – mas isso, a história não o diz, ou faltam em todo o caso documentos para o poder dizer – à casta dos Essênios¹⁰. Havia os homens de conhecimento, os Essênios, e as gentes do povo, ou melhor da religião, porque o povo estava subordinado, todo o povo estava subordinado desde o cativeiro da Babilônia (quando não foi pelos Assírios foi pelos Gregos, depois foi pelos Romanos e pelos Egípcios, etc., os Assírios também regressaram, etc.). Mas a religião era livre, eu quero dizer com isso que se a casta sacerdotal tinha um certo poder autónomo sobre a religião dos judeus, era porque eles se agrupavam bastante mais à volta da sua religião, que à volta de seu estatuto político. Os Essênios guardaram a Tradição. Os Fariseus e os Saduceus, certamente não. De facto, logo que Jesus apareceu, é um Essénio que apareceu. Bem entendido, é o filho do carpinteiro, mas isso é simbólico. Seguramente, Jesus não é somente uma criança ingénuo, munido simplesmente com a sua intuição: foi certamente um homem que tinha um conhecimento profundo, como os Essênios.

Tudo isso, sabemos-lo presentemente. Porque os documentos chegaram, e eles aparecem justamente agora. O *Evangelho de Tomé* – que é o documento gnóstico por excelência – apareceu no século XX, depois de 1945. Foi encontrado em copta o Evangelho de Tomé¹¹ – uma trintena de páginas extraordinárias que mostram um poder filosófico e metafísico que ultrapassa de longe tudo o que podem conter os Evangelhos sinópticos.

*Evangelho
de Tomé*

Foi preciso esperar 1948 para que a nossa época conhecesse esse Evangelho. E é terrível. A exegese do Evangelho de Tomé é uma das mais enriquecedoras do ponto de vista filosófico que pudemos ter. Mas os Saduceus e os Filisteus batiam-se. E logo que Jesus chegou, quais foram as palavras mais profundas que disse? Ele disse duas palavras profundas (elas são de longe as mais importantes de todo o Novo Testamento): “*O meu Reino não é deste mundo*”, disse Ele aos Fariseus e aos Saduceus, que tinham uma tendência infeliz para confundir o conhecimento e a potência. E acrescentou, e é uma crítica fundamental, que lhes fez: “*Vós haveis perdido a chave do conhecimento*”. Isso, era o pecado contra o espírito. E finalmente, foi por isso que o mataram. Esse não se tratou de um deicídio banal: eu não quero defender o antissemitismo no sentido banal ao dizer “*Os judeus mataram o Cristo e por conseguinte merecem por seu turno ser mortos.*” Isso é polémica de baixo nível! Na história invisível, isso não se passa desta forma. Mas o sacrifício do sangue tem incontestavelmente consequências. A partir desse momento, o cristianismo nasceu. Eu passo por cima dos pormenores do cristianismo sob o golpe de génio de S. Paulo, por oposição aos gnósticos – porque S. Paulo, opôs-se também ele às tendências gnósticas, mais ou menos subterrâneas. Quando lhe foi necessário fazer uma Igreja, material, uma Igreja dominadora, Ele fê-la contra os gnósticos. O facto é que os textos gnósticos multiplicaram-se – os documentos que nos chegaram são todos muito incompletos, eles não permitem fazer uma ideia clara. Muito menos que o Evangelho de Tomé que nós conhecemos há menos de uma quarentena de anos.

Na medida em que esses textos gnósticos quiseram exteriorizar-se, eles tornaram-se heréticos em relação à religião dominante, e do ponto de vista social isso foi uma catástrofe que culminou na Idade

A sua oposição tenaz ao Cristianismo rendeu-lhes através dos tempos uma figura de fanáticos e hipócritas que apenas manipulam as leis para seu interesse. Esse comportamento deu origem à ofensa “fariseu”, comumente dado às pessoas dentro e fora do Cristianismo, que são julgados como religiosos aparentes.

¹⁰ NT- Os Essênios constituíam um grupo que teve existência desde mais ou menos o ano 150 a.C. até o ano 70 d.C. Estavam relacionados com outros grupos político-religiosos, como os saduceus. Durante o domínio da Dinastia Asmonéia, os essênios foram perseguidos. Retiraram-se por isso para o deserto, vivendo em comunidade e em estrito cumprimento da lei de Moisés, bem como da dos Profetas. Sabemos a seu respeito por Flávio Josefo (historiador oficial judeu) e por Filon de Alexandria (filósofo judeu). Flávio Josefo relata a divisão dos judeus do Segundo Templo em três grupos principais: Saduceus, Fariseus e Essênios.

¹¹ NT- O Evangelho de Tomé, preservado em versão completa num manuscrito copta em *Nag Hammadi*, é uma lista de 114 ditos atribuídos a Jesus. Alguns são semelhantes aos dos evangelhos canônicos de Mateus, Marcos, Lucas e João, mas outros eram desconhecidos até a descoberta desse manuscrito em 1945. Tomé não explora, como os demais, a forma narrativa, apenas cita – de forma não estruturada – as frases, os ditos ou diálogos breves de Jesus a seus discípulos, contados a Tomé, dito Dídimo (“gêmeo” em grego), sem incluí-los em qualquer narrativa, nem apresentá-los em contexto filosófico ou retórico.

Média em França, durante a guerra dos Albigenses onde milhões¹² de homens foram exterminados pela Igreja católica. E, eu devo dizê-lo, a Igreja católica tinha aparentes razões para o fazer. Ela representava a ordem. Portanto, uma corrente em que à medida que ela se exteriorizava, ela tornava-se uma religião democrática, uma religião popular, tornava-se associada, quer dizer que ela combatia as instituições políticas, e por conseguinte o poder estabelecido. Tanto a gnose albigense era pura – no espírito de alguns padres, sobre os quais nós não possuímos aliás quase nenhum dado, quase nenhum documento – como ela se tornava impura quando servia de alibi aos senhores do Languedoque e ao povo do Languedoque para pilhar os mosteiros e estabelecer uma licença, uma subversão social, absolutamente completa. Eu não prego, eu não procuro estabelecer hierarquias de valor, eu pretendo simplesmente dizer que na história do Ocidente as exteriorizações da gnose, eram, nessa época, incontestavelmente prematuras e, por conseguinte, profanadoras.

Ao mesmo tempo, no mundo judeu – porque as duas histórias são paralelas apesar de inversas – produziu-se também uma exteriorização. Entre o século III e o século VI apareceu um documento escrito - o *Sepher Yetzirah*, **O Livro da Formação**, um dos dois grandes livros da Cabala. Vinte páginas, não mais. De uma densidade extraordinária. Nem uma só palavra a mais – e nem uma palavra em falta certamente. Mas num estilo absolutamente incompreensível. É preciso ter a chave – não se contentar em fazer a crítica externa desse texto. Se não se possui a chave para aí entrar, é como se não houvesse nada. Então um juízo que sobre isso se possa tomar (um M. X..., professor na Universidade de Jerusalém, não se coíbe de o fazer, quando fala de estilo pontiagudo e dogmático), o que é que isso quer dizer, quando não se sabe o que está por detrás? Certas palavras, como “belima”, X tradu-las classicamente “Belima”, quando reportando-se à interpretação rabínica, quer dizer “esfera” – é a organização das vinte e duas letras hebraicas sobre uma estrutura esférica. Se não se tem a chave, traduzir-se-á esfera por crânio, por exemplo, o que não quer dizer nada. Mas um sentido profundo desprende-se se se aceder à crítica interna, quer dizer à tradução metafísica. Portanto, entre o século III e o século VI, o *Sepher Yetzirah* apareceu. Texto extraordinário. Uma vintena de páginas cuja exegese é de partir os dentes... E no século XIII, em Espanha, apareceu por sua vez o segundo dos dois grandes livros da Cabala – não há senão dois. Este chama-se *Sepher Zohar*, **O Livro do Esplendor**. Esse, tem três mil páginas. Um livro muito longo, demasiado longo mesmo. Um livro enorme cheio de repetições, alegorias, extrapolações, récitas. Mas de uma potência louca. E sobre o qual, bem entendidos, as gnosés desde há sete ou oitocentos anos se têm acumulado e não apresentam, segundo penso, rigorosamente nenhuma espécie de interesse. O momento ainda não havia chegado.

Eu sou implacável ao dizer isto. E, bem entendido, arrisco-me de ser posto violentamente à parte por um certo número de cabalistas, senão mesmo pela totalidade dos cabalistas tradicionais. Ao contrário, os homens da ciência, presentemente, estão perfeitamente conscientes da sua verdade. É muito surpreendente constatar que logo que, há cerca de trinta anos, eu quis fazer um tímido ensaio, uma tímida incursão nestas matérias, com *La Bible, un document chiffré*, ninguém da sinagoga aceitou que eu pudesse propor uma chave diferente das antigas chaves, sob pretexto que eu profanava, e que era um herético.

Ao contrário, todos os matemáticos, todos os físicos modernos que se debruçaram sobre estes estudos, e que os que se interessaram viram imediatamente aí uma verdade certa, indiscutível, a tal ponto que o meu livro (os estudos, a chave que eu propunha) tornaram-se bastante anónimos e eu já não sou mais o seu autor atualmente. Toma-se essa chave como se ela fosse natural, e isso faz-me muito feliz.

Mas portanto essa publicação – essa meia-publicação, porque uma vez mais esses textos são velados – mostrou uma marcha descendente no caminho da involução (não da evolução mas da involução) da consciência. Foi uma semi-profanação, esta espécie de colocação à disposição do público. E de

¹² NT- Raymond Abellio exagera aqui o número dos mortos. Estima-se atualmente em algumas centenas de milhar as baixas resultantes da Cruzada aos Albigenses.

resto o rabino autor desse texto, Moisés de Leão, em Espanha, estava cheio de reticências, de ambiguidades em relação ao mesmo. Existem nesse texto frases como aquelas, onde ele prega, evidentemente, as suas declarações, as suas revelações a diferentes rabinos da época arqueológica, da época heroica do hebraísmo) “O Rabino Siméon chorou, dizendo: ‘Infelicidade para mim se eu revelo estes mistérios, mas infelicidade para mim também se eu não os revelo’”. Eis a situação ambígua em que se encontra o esoterismo, a Tradição primordial, desde sempre. Somente ao lado dessa, vós haveis frases infinitamente mais diretas – como, por exemplo, esta: “Perto da chegada da época messiânica, logo que o Santo, bendito seja, se prepara a destruir para sempre os culpados de Roma [esse é um incidente histórico por causa das perseguições], mesmo as crianças conhecerão os segredos da sabedoria. Elas saberão o que deverá acontecer no final dos tempos graças a cálculos”. Eis algumas frases que se encontram no Zohar, textualmente.

O Batismo do Ocidente ocorreu logo que o Ocidente desejou tornar-se autónomo. Ele viu-se portanto no estado de civilização nova, autónoma, consciente do seu destino, e desejando assumi-lo por si-mesmo. Isso foi na Renascimento, a Idade Clássica que marcou o nascimento da época científica, da ciência experimental. Porque a ciência dos Gregos não era experimental, mas uma ciência de observação, enquanto a partir de Galileu, Descartes e Newton a ciência deu-se como programa dominar a natureza, experimentar a natureza para a dominar. Daí as grandes navegações. E o problema nesse momento não foi de procurar a verdade, mas de encontrar a eficácia, a utilidade da ciência. Dito de outra forma, substituem-se os *valores de verdade* pelos *valores de eficácia*. Isto teve do ponto de vista epistemológico, do ponto de vista do valor da ciência ou das ciências, consequências consideráveis. Notem, de resto, que homens como Galileu, Descartes ou Newton estavam cheios de muito boas intenções – eles acreditavam ainda na globalidade, na interdependência universal. Newton, por exemplo, era astrólogo, era alquimista – embora isso não seja muito conhecido, 70 % dos textos de Newton são consagrados a problemas esotéricos, ao mesmo tempo que ele inventava a gravitação universal.

Com Tycho Brahé, Kepler, Cristóvão Colombo acontecia o mesmo. Tycho Brahé, Kepler, quer dizer dois dos maiores fundadores da astronomia moderna, e Galileu eram ao mesmo tempo astrólogos. É surpreendente! No final do século XVII, assim que um astrónomo inglês, que se chamava Halley, inventor do cometa que tem o seu nome, um racionalista antes do tempo e que não era um devoto das ciências pretensamente ocultas, as “falsas ciências”, atacou a astrologia perante Newton, e Newton ficou profundamente irritado. Ele disse a Halley: “Senhor, vós falais de coisas que não conheceis – se eu me detenho muito tempo nisso é porque que eu estudei essas coisas e vós não as haveis estudado.” E acrescentou: “Então, calai-vos!”

Ele era tão preciso, tão categórico como isso. E é com efeito a única resposta que se pode dar a quem critica estas coisas sem as haver estudado, claro. Mas do ponto de vista científico, do ponto de vista da procura da verdade, do ponto de vista do conhecimento, é incontestável que a eficácia da ciência experimental não passava sem prejuízo da integridade da verdade. Porquê? Porque para se ser eficaz é-se obrigado a isolar os fenómenos – e todo o problema, toda a chave da crise das ciências modernas provém da noção “de fenómeno” que tinham Descartes, e os que lhe sucederam. Fenómeno independente, fenómeno isolado por conseguinte, que se podia repetir no laboratório, que se podia medir, para o qual, por conseguinte, não se tomavam senão as variáveis que se podiam quantificar, que se podiam transformar em número. É aquilo que eu chamo “*a ilusão dos sistemas fechados*.”

É certo que um fenómeno tal como aquele que a ciência clássica do século XVII, do século XVIII e mesmo do século XIX concebem, é um fenómeno que envolve um certo número de variáveis. Tomem por exemplo o caso de um tiro de canhão. Vós atirais um tiro de canhão. As tábuas de tiro tomam em conta a inclinação do tubo, e a carga do explosivo – e em rigor a velocidade do vento (e ainda, para os canhões da marinha apenas), a temperatura do ar. Mas eles não têm em conta um monte de variáveis que não se podem medir: a atração da lua, por exemplo, e a atração terrestre, a

atração da lua sobre o obus. Não se tem em conta! Da atração das estrelas, já nem falo. Porquê? São quantidades infimamente pequenas. Então eliminam-se. Resultado? O tiro de canhão nunca é exato. Ele perde-se numa zona chamada “forquilha”, a zona de dispersão. Evidentemente existem os cálculos de probabilidade. Para atingir o objetivo, diz-se: em primeiro lugar, é necessário atirar cerca de vinte e cinco tiros de canhão que vão fustigar à volta do objetivo – desses vinte e cinco haverá um que será justo. Não se pode prever qual.

*Verdade
vs
Eficácia*

Existe aí uma simples probabilidade, não é a *da verdade*, é a *da eficácia*. Procede-se *como se* certas variáveis não existissem. Ora do ponto de vista do conhecimento, por vezes são as mais desconhecidas, as mais infinitesimais que são as mais importantes. Os astrólogos, designadamente, sabem-no bem. E toda a crítica, todos os fundamentos das ciências experimentais falharam e, fizeram falhar, no século XX, na medida em que em certos fenómenos não se podia *não* ter em conta quantidades infimamente pequenas. Designadamente os fenómenos da física nuclear, onde se serve, como ferramenta de observação, o grão de luz: este grão de luz, era da mesma forma (e da mesma força, ou melhor, da mesma força quantificada) o que perturba os fenómenos observados: nesse momento não há mais observação possível. Ou, pelo menos, a observação está sujeita a restrições que não se podem avaliar – de que não se pode fazer uma simples estatística. Toda a crise das ciências modernas provém da ilusão que um fenómeno pode ser considerado como independente, como isolável. Ora, homens como Newton, que acreditavam na gravitação universal, e por conseguinte na interdependência universal sobre o plano físico, não deram o salto – que nós damos, presentemente, ao dizer que o que é verdadeiro no plano físico é igualmente verdadeiro sobre o plano dos sentimentos e das paixões, e é igualmente verdadeiro sobre o plano dos pensamentos.

Eu ergo a mão, eu estendo o braço – eu modifico ligeiramente a gravitação universal. Porquê? Eu desloco ligeiramente o centro de gravidade da terra. Por conseguinte tudo mexe. Eu desloco infimamente pouco, é claro. Isso não é mensurável, e isso não conta no imenso equilíbrio do universo: mas em todo o rigor, eu desloco-o, eu modifico o equilíbrio do universo. E o que é verdadeiro para esse movimento físico é verdadeiro também para o menor dos meus sentimentos, para o menor dos meus pensamentos. E eu diria mesmo melhor: esses sentimentos e esses pensamentos, se eu sou um verdadeiro gnóstico, e não os sinto como saindo originariamente de mim, e sei que eles estão inscritos desde sempre na trama indefinida do mundo. Há uma espécie de eterno presente, na qual é necessário que eu penetre.

É essa interdependência universal que é o fundamento desde sempre do esoterismo, e da Tradição primordial. É necessário que eu o penetre nessa interdependência universal, e aí, é sobretudo necessário encontrar os instrumentos intelectuais.

Ora a ciência Clássica recusa-mos, ou, mais exatamente, proíbe-mos! Como Kant, no século XVIII considerava como provado esse postulado: “*Não se pode raciocinar sobre o Todo*”. Isso era considerado como definitivo. Era utópico pretender raciocinar sobre o Todo. O Todo, ou o mundo inteiro, enquanto unidade essencial, não se deixa apreender pela razão – é uma das frases de Kant, ou parecido. E toda a revolução epistemológica do século XX irá consistir, justamente em encontrar os instrumentos conceptuais, os instrumentos intelectuais, que irão permitir raciocinar sobre o Todo. É tão simples como isso. E ao mesmo tempo é complicado, bem entendido. Eis, em traços largos, a crise das ciências Clássicas, e que comanda tudo.

Cabala

Do lado dos judeus, porque uma vez mais é necessário seguir as vias paralelas, o que provocou a exteriorização da Cabala, de que já falei, na Idade Média (período de nascimento e ainda não de batismo)? No período batismal, que é o período da Renascença, produziu-se isto, que é muito surpreendente (não sou eu que o digo, são os próprios críticos judeus): o facto de que a Cabala se ter tornado popular, e deixe de ser esotérica, provocou uma extraordinária expansão religiosa, e ao mesmo tempo pessimista, do lado dos judeus junto dos quais se desencadeou uma espécie de paixão religiosa das catástrofes. Procurou-se o significado religioso das catástrofes. A expulsão de 1492 foi considerada também dramática, e talvez mais importante ainda, que a destruição do Templo a que a

Diáspora havia sucedido. Vemos nesse momento novas Cabalas aparecerem, novas interpretações da Cabala – onde o próprio Deus estava em exílio. O exílio tornara-se uma espécie de noção ao mesmo tempo pessimista e profética, ao mesmo tempo escatológica, ontológica, essencial, para o destino do povo judeu. Houve heresias, designadamente a heresia *sabbanista*¹³ no século XVII, que desenvolveu tendências niilistas e anarquistas, que estavam, no século XVI, implicitamente contidas numa nova cabala, a cabala de Louriat, que anunciava os grandes profetas do século XIX – na medida em que eles se tornaram também apocalípticos. Marx, designadamente, é herdeiro direto, pode-se dizê-lo, quanto ao seu gênio messiânico ou apocalíptico, da grande “noite das catástrofes finais do capitalismo”. Ele é herdeiro direto dos dados cabalísticos, das interpretações cabalísticas dos séculos XVI e XVII, que desenvolveram as tendências niilistas e anarquistas implicitamente contidas nessa interpretação da Cabala.

Durante todo o século XIX esta evolução acentuou-se no sentido dos feitos da ciência, e ao mesmo tempo da escalada do Apocalipse quanto ao pensamento marxista. É certo que homens como Marx, Freud, Nietzsche, considerados os grandes pensadores do século XIX por aquilo que se chama a *intelligentsia*, que age presentemente sobre o plano político, assim como sobre o plano filosófico, na Europa – esses homens pertencem à face sombria da evolução, a face da involução.

Os dois grandes pensadores, os dois grandes protagonistas, os dois grandes mestres da revolução epistemológica do século XX – são também dois judeus, aliás, dois judeus alemães – Husserl e Einstein. E eu acho extremamente significativo e simbólico que no momento em que os judeus são reintegrados na civilização ocidental, pelo direito de cidadania que eles haviam adquirido na Revolução, a civilização ocidental e a civilização judaica fundem-se: elas deixam de ser o inverso uma da outra, e encontram-se fundidas num só bloco. Eu acho profundamente significativo, no plano da história invisível, transcendental, que tenham sido Husserl e Einstein os reveladores da revolução epistemológica do século XX. Nem Marx, nem Freud, nem muito menos Nietzsche – Nietzsche tinha aspetos geniais, é claro, mas ele é o homem das constantes fulgurâncias parciais e contraditórias; Nietzsche serviu de motor a todas as doutrinas, as mais opostas, tanto ao nazismo do tempo de Hitler como aos esquerdistas atuais que se referem a ele, incontestavelmente, todos, mais ou menos. (eu falo daqueles que fazem parte da *intelligentsia*, não simplesmente dos militantes – mas dos pensadores, dos intelectuais.) Os grandes inovadores, os grandes revolucionários, são Husserl e Einstein. Husserl é alguém a quem não se presta a devida justiça; presentemente ele desaparece atrás de Heidegger, que foi o seu discípulo infiel em 1933. Mas Husserl, na minha opinião, é infinitamente mais importante que Heidegger – Heidegger, ao seu lado, é um místico, um poeta. Husserl ultrapassa de longe Heidegger enquanto filósofo, na minha opinião, é claro.

*Revolução
epistemológica
do séc. XX*

Ao fundar a fenomenologia transcendental, Husserl restituiu o sentido ao XIX século, porque, com efeito, o “Ego” transcendental de Husserl é qualquer coisa de extremamente tradicional. É um espantoso retorno ao início, é uma referência à Tradição, mesmo se Husserl não o assume explicitamente – pois não há diferença de facto entre o “Ego” transcendental de Husserl, ou o seu “Nós” transcendental, e o homem interior de S. Paul, ou o “Si” dos vedantas na Índia. É a mesma coisa. Os sinais acumulam-se, desde o início do século XX. (E eu passo evidentemente sobre o que ocorreu daí em diante. Dito isto, era necessário estudar a dialética de toda esta comunhão, este período comunal do Ocidente, depois de 1689, com as crises de 1700, e antes de mais com a crise de 89, depois 1848, todas as revoluções na Europa, em seguida o período dos totalitarismos, a partir de 1930. Este período foi marcado, assinalo-o incidentalmente, pela aparição de novos planetas – Úrano apareceu no período da Revolução Francesa, Neptuno apareceu no período de a Revolução de 48, Plutão na época dos totalitarismos hitleriano e estalinista. Há aqui uma dialética que se poderia desenvolver de uma forma extremamente precisa. Não tenho tempo de o fazer). Repito-o, os sinais acumulam-se desde o início do século XX. Não falo apenas da quantidade considerável de

¹³ NT- Movimento criado pelos seguidores de Sabbatai Zevi. Sabbatai Zevi (1626-1676) foi um rabino e cabalista que alegava ser o esperado Messias. Foi o fundador da seita judaica dos sabatianos (em turco: *Sabetayçılık*)

documentos sobre os símbolos, sobre os mitos, que foram estudados. Trata-se apenas de crítica relativamente externa, e ainda não de crítica interna. Há, repito-o, o Evangelho de Tomé que apareceu. Há enfim todos os trabalhos de Jung, de Mircea Eliade, de Corbin, de Evola – todos esses trabalhos extraordinários, notável cepa de erudição. Documentos que devem ser explicitados, porque a crítica interna não apareceu ainda. Ela afina-se a custo, presentemente. Porquê? Porque nós começamos a dispor – e foram os sábios matemáticos ou físicos, depois da gnose de Princeton, que os forneceram – os primeiros rudimentos.

Gnose de
Princeton

Mas a gnose de Princeton¹⁴ é essencialmente constituída por físicos que não têm cultura metafísica, nem preocupações metafísicas, e pode dizer-se que a sua experiência é ainda extremamente confusa. Eles fixam-se em factos precisos, como por exemplo as contradições e os paradoxes da mecânica quântica, designadamente os paradoxos célebres, o paradoxo de Einstein, Podolsky e Rosen que é muito surpreendente – coloca por terra toda a física cartesiana. Uma partícula sofre um choque e divide-se em duas partículas; as duas partículas separam-se à velocidade da luz (eu simplifico bastante). Vós agis sobre uma, pelos meios da física nuclear atual, da física quântica, e vós constatais com estupefação que ao agir isoladamente sobre uma das duas semi-partículas, a outra (que a atingiu distancias consideráveis, que já percorreu 300 000 km ao segundo) sofre o mesmo efeito, quando vós não haveis agido sobre ela. Portanto, efetivamente, não existiam duas partículas, não havia senão uma. O mundo deixa de aparecer como um conjunto de coisas isoladas, como uma máquina com engrenagens, ele aparece como um imenso cérebro onde tudo é solidário, onde o tempo é reversível. Presentemente, os melhores físicos falam da reversibilidade do tempo de uma forma – como dizer? – quase já Clássica. A maior obra escrita sobre Física, há talvez cinquenta anos, em França, é uma obra do Prof. Olivier Costa de Beauregard (que é aliás ao mesmo tempo parapsicólogo) sobre a reversibilidade do tempo: *O Segundo Princípio da Termodinâmica*. Ele considera que o tempo é reversível, e que, por conseguinte, os fenómenos de clarividência, de precognição e outros vão provavelmente encontrar a sua explicação nos fenómenos da mecânica quântica. Estamos quase lá, é uma questão de anos¹⁵. A física dos quanta vai servir de teoria diretora daquilo que presentemente ainda não é mais do que um recenseamento de factos, e ainda não uma explicação. Mas a explicação brotará provavelmente dos factos da mecânica quântica.

Todo este conjunto de circunstâncias, todo esse conjunto de dados, mostra que nós estamos amadurecidos para o nascimento de um *novo modo de conhecimento*. E, aí, nós somos em número considerável – não por aquilo que conheço em França, mas por todo o lado certamente, na América, na Alemanha e alhures – para meter ao ponto os elementos, os métodos intelectuais, operacionais, conceptuais, permitem de explicitar, justamente, de penetrar no Todo, sem “desracionalizar”, sem divagar. “Tudo está em Tudo”: é demasiado fácil, claro. Quando se diz “Tudo está em Tudo” não se explica nada. Ora é necessário penetrar no Todo. E é isso que pessoalmente eu proponho com o que eu designei por Estrutura Absoluta.

Sartre

Como me chegou a ideia da estrutura absoluta? Há já trinta anos – não foi ontem. Foi em 1947-1948 ao ler *L'Être et le Néant* de Sartre, fiquei extremamente surpreendido e chocado – como socado no estômago! – *muito fascinado* pela leitura de *L'Être et le Néant*. Esse livro provocou em mim um efeito de choque extraordinário. Fui violentamente contra. Porque é uma construção magnífica, *L'Être et le Néant*; é uma construção de uma potência e de um rigor espantosos, com a condição de se admitem as premissas, quer dizer que “a consciência é uma forma vazia” e que “o momento presente não existe”. O que é extraordinário no livro de Sartre – que, a partir das suas premissas, dos seus postulados, se desenvolve com um rigor magnífico, escolástico evidentemente, sofista, – é esta

¹⁴ NT- Gnose de Princeton grupo informal de cientistas americanos da Universidade de Princeton, representantes de um movimento mental iniciado nos Anos 60 nos Estados-Unidos. Tratou-se de uma corrente de ideias tendo por objeto a elaboração de uma filosofia e de uma teologia científicas, em substituição do velho mecanismo e do positivismo materialista. É portanto uma forma de espiritualismo que refuta a existência da matéria no sentido corrente do termo, e que tende para uma espécie de panteísmo ou de animismo espiritual.

¹⁵ NT- Sobre este assunto ler o ensaio de Philippe Guillemin (2014), *La Route du Temps*, Le temps Présent, Paris.

negação: “a consciência é uma forma vazia”, ou então “o momento presente não existe”. O momento presente não existe, de um ponto de vista intelectual, é evidente. Fala-se sobre o momento presente, ele não existe ainda – e uma vez que vós o haveis passado, ele não existe mais; portanto, ele é esquivo. Para Sartre é um nada, é um vazio. É uma passagem onde nada se produz. Então como experiência, a mais evidente, a mais imediata, a experiência da *intuição*, prova que se pode bloquear o momento, dizendo ao momento que passa: “Para, tu és tão belo!” Dir-se-ia que aí o filósofo torna-se num intelectual. Não há experiência viva: o filósofo nega, a fé de um raciocínio vazio, a realidade viva a mais elementar, a mais universal.

Basta pensar aliás ao que Simone de Beauvoir diz no seu romance *Os mandarins* sobre o orgasmo, o prazer sexual, o prazer erótico. Ela trata isso com uma espécie de desprezo, que prova que ela não compreendeu nada, ou então que não sentiu nada, é provável...

Mas apesar de tudo passa-se qualquer coisa nesse momento, e é evidente: nesse momento, verdadeiramente, o tempo detém-se, quer se queira, quer não. Não é simbólico o que digo, o tempo detém-se realmente, ele adquire uma natureza que não detinha no passado, que ele não terá no futuro. Vós remeteis-vos a ele, aliás, tentando recomeçar esse momento.

Eu quis estudar a intuição que Sartre esvaziava, e disse que era preciso colocar a intuição em estrutura (eu sou matemático, também eu falo de estrutura...). Eu apercebi-me que os teóricos do conhecimento há dois mil e quinhentos anos, desde os Gregos, tinham sempre chegado a um impasse. Vós sabeis o que é uma teoria do conhecimento: é o estudo das relações entre o sujeito e o objeto. Via-se isso como uma dualidade – mas a dualidade é um impasse. Não há penetração entre o objeto e o sujeito, não há medida comum entre ambos, eles permanecem em face um do outro. Então inventam-se teorias, que são simples teorias verbais, análises, sínteses verbais, inventa-se o idealismo ou o materialismo, ou o intelectualismo, enfim o empirismo... São sempre duas teorias que se confrontam, e os filósofos são mestres na arte de fazer sínteses verbais entre essas duas teorias. Em primeiro lugar, a interpretação idealista; em segundo lugar, a interpretação empírica e, em terceiro lugar, a síntese verbal sobre as duas. É o tipo mesmo do que se chama a dissertação filosófica, género universitário próspero e ao mesmo tempo absolutamente inútil. E é aliás por isso que o ensino da filosofia a chegou presentemente aos resultados que se veem nas universidades.

*Dualidade
vs
Quaternidade*

Dito isto, um erro de base é evidente: o objeto e o sujeito não são entidades isoladas; também aí uma vez mais estamos na ilusão dos sistemas fechados, eles são de facto uma dualidade. Na realidade encontram-se *quatro* termos em jogo, no confronto entre objeto e sujeito, e não *duas*. O sujeito, é um órgão dos sentidos que aparece sobre o conjunto do corpo; é o órgão dos sentidos *e* o corpo. O objeto é o objeto – e por detrás de ele, todo o mundo (se não existisse o fundo do mundo por detrás de objeto vós não o veríeis). Há portanto uma distinção a fazer do simples facto de que o objeto se desvela, e de que ele aparecer aos nossos olhos – é que por detrás vós sentis que existe o mundo.

Vós *sabeis* que há o mundo. Portanto é uma quaternidade, e não uma dualidade. Aí eu não entrarei em detalhe, porque correria o risco de ultrapassar o tempo que me é concedido.

Quando vós estudais esta quaternidade, é já o simbolismo da cruz que se estabelece: o objeto, o mundo, o órgão dos sentidos, e o corpo. Vós apercebei-vos que se estabelecem comunicações, uma dupla rotação, dupla rotação que cria imediatamente uma espécie de equador, com um sentido, um eixo de rotação, um polo em cima e um polo em baixo. Portanto uma espécie de esfera. Aquilo que eu chamo a Estrutura Absoluta não é senão uma esfera com seis polos, e com um duplo poder de rotação sobre o plano horizontal, um hemisfério inferior que é o da diversidade, um hemisfério superior que é o da unidade.

*Estrutura
absoluta*

Infelizmente não tenho tempo – escrevi perto de seiscentas páginas, sobre isso – de me resumir em dois minutos. Esta esfera é um modelo invariante, universal, que funciona igualmente bem quer sobre o plano da intuição, da percepção mais elementar, quer sobre o plano das intuições mais fortes (a percepção dos factos assim como a percepção das essências), mas que funciona também quanto ao

estudo das situações, em qualquer domínio: a estruturação das ciências, a estruturação das funções sociais, ou as relações das civilizações entre si (a geopolítica, se quiserem). Uma vez que se possui este instrumento, apercebemo-nos realmente que do ponto de vista epistemológico se detém um instrumento de conhecimento entre as mãos. Notem que eu não invento absolutamente nada, eu não faço senão redescobrir aquilo que noutros lugares alguns dos meus contemporâneos descobrem ao mesmo tempo que eu. Porque estas coisas andam no ar – em França conheço pelo menos três pessoas que há vinte anos trabalham sobre essas questões, e chegam ao mesmo resultado com nomes diferentes.

Eu chamo-lhe *lógica da dupla contradição*. O Comandante Salantin, que trabalha no Instituto Superior da Defesa Nacional, em França, chama-lhe *trialeética*. Em todo o caso eu poderia dizer que nós nos opomos fundamentalmente à lógica de Hegel, à dialética linear de Hegel: tese-antítese-síntese. Nós temos uma lógica esférica, uma lógica plena – e não uma lógica linear, uma lógica plana.

E com esse instrumento chegamos imediatamente a uma consequência muito espantosa: assim, logo que eu tentei aplicar a Estrutura Absoluta a um problema particular, que é o problema da estrutura das funções sociais, eu apercebi-me que chegava a sessenta e quatro combinações, e que pela mesma forma desocultava o *I Ching* dos chineses. Era exatamente o mecanismo do *I Ching* dos antigos chineses, com sessenta e quatro hexagramas, de que falei há pouco.

I Ching

E nós sabemos que o *I Ching* dos antigos chineses foi durante vários milénios – talvez cinco ou seis mil anos – a bíblia, o instrumento de governo dos imperadores da China e presentemente o de Mao. Mao morreu, mas há alguns anos, quando Mao escrevia os seus artigos sobre a contradição no seio do povo, ele não fazia senão, sem o referir, senão repetir os ensinamentos do *I Ching*. Ele tinha-os na pele, ele não os havia formalizado, conceptualizado, ele não fazia senão o que nós fazemos, aqui, no Ocidente, onde nós analisamos e convertemos isso em modelos operacionais. Mas quando Mao falava de dupla contradição no seio do povo, ele falava como eu de dupla contradição, mas ele fazia-o de outra forma. A expressão “dupla contradição” estava lá, e eu sou obrigado a empregar a mesma expressão que ele: contradição principal e contradição secundária, contradição antagonista e contradição não antagonista. Eu fazia maoísmo sem o saber, mas eu fazia-o de uma forma ocidental, quer dizer generalizando, conceptualizando, ao introduzir um modo operacional absolutamente universal.

O importante é que esta espécie de retorno ao começo que nos faz descobrir o sentido profundo do *I Ching* mostra que nós estamos realmente numa espécie de curto-circuito em que o tempo desaparece entre as origens e o fim. E, coisa extraordinária, há dois ideogramas de que vos falei desde o início – e fi-lo intencionalmente – o *I Ching* dos antigos chineses e a Árvore Sefirótica da Cabala. Este último é infinitamente mais difícil de desocultar, mas apercebemo-nos, logo que lemos palavra a palavra o *Sepher Yezirah* (Dieu sabe quanto este texto é difícil, quanto é oculto), e se se fizer uma tradução metafísica, ele torna-se quase límpido.

Apercebemo-nos que as vinte e duas letras hebraicas – e é por isso que eu disse, e reafirmo, que eu pretendo, que o alfabeto hebraico é o nosso alfabeto sagrado, que a língua hebraica é a língua sagrada do nosso ciclo de civilização e não a língua grega – as vinte e duas letras hebraicas, segundo o *Sepher Yezirah*, organizam-se palavra a palavra de acordo com o modelo da Estrutura Absoluta, modelo esférico. As três letras mãe estão sobre o plano equatorial, no hemisfério de baixo e no hemisfério de cima. É dito nestes mesmos termos, somente quando eu falo de hemisfério, eles dizem o baixo e o alto.

*Árvore
Sefirótica*

As sete letras duplas estão nos quatro polos equatoriais, o polo do zénite, o polo do nadir e o centro. Isso perfaz sete. E quanto às doze letras simples, três mais sete mais doze, isso perfaz as vinte e duas letras hebraicas – estas são o plano dos meridianos, são os doze quadrantes dos dois planos meridianos da dupla contradição, e os quatro quadrantes do plano equatorial. Se vós ledes, repito-o, palavra a palavra, o *Sepher Yezirah*, vós haveis as vinte e duas letras dessa forma: resulta entre essas letras correspondências *genéticas*. Atenção a esta palavra porque sobre esse ponto de vista, não pode

mais existir diferença escolástica entre *estrutura* e *gênese*. São invenções das universidades que distinguiram estrutura e gênese, ou então estrutura e funções: estas classificações de palavras não significam nada, é puro sofisma. Na realidade, tudo isto faz-se num único ato vivido – e é por isso que os universitários não compreendem Husserl, e é por isso que Husserl se torna, como dizem, fora de moda. É que eles não os vivem – não se podem traduzir em conceitos, em palavras, simplesmente, e o ensino coloca problemas de pedagogia delicados e quase insolúveis.

Não se pode ensinar este género de filosofia – não são assuntos de conversação mundana – são assuntos de *conversão*. É bem diferente! A filosofia no *Collège de France*, diante das mulheres do mundo, é uma coisa, é respeitável, e desejável. Nada é inútil, repito-o. Mas não é suficiente! Não era assim que fazia Sócrates – e não foi assim que fez também Jesus. Jesus e os seus doze discípulos. Doze somente. (Ainda assim, dizia-me um mestre espiritual há vinte anos, houve um que o traiu). Com doze discípulos, em todo o caso, Jesus mudou o mundo...

Agora, com estes ideogramas, nós estamos perante um curto-circuito entre as origens mais longínquas e as realidades mais modernas. Estamos perante um modelo *dialético*, porque é uma nova dialética, e a dialética de Hegel bastou para criar o marxismo – e vós sabeis os resultados que isso teve para a difusão da revolução no mundo...

Hegel

Aplicando o modelo de uma nova dialética, nós estamos atualmente em presença de uma nova gnose, de um instrumento conceptual de que não podemos avaliar a potência. Que é que, isso trará, não faço ideia, e isso não me interessa. Mas no plano da evolução da consciência, é fundamental. Seja qual for o domínio sobre o qual vós aplicais estas conceções, “além” e “aquém”, “antes” e “depois” significam a mesma coisa. E por conseguinte as noções de “pro” (progressão), e de “re” (regressão) desaparecem. Em conformidade, aliás, com os ensinamentos da Tradição. Não há nem “pro” nem “re” no plano da consciência individual, no plano da edificação do homem interior, como diz S. Paulo.

No plano prático, nos domínios de aplicação cada um tem os seus – no plano político é evidente que imediatamente se chega à noção de *castas*. E uma explicação é devida, neste momento, da situação histórica, muito simples: homens de *conhecimento*, homens de *poder*, homens de *gestão*, homens de *execução*. Está em conformidade, aliás, com as tradições hindus: *os brahmanes*, *os shatrias*, *os vaisyas* e *os sudras*. E vós apercebei-vos, nesse momento, que os problemas políticos são problemas de poder e problemas de conhecimento. Por conseguinte, não se pode misturar os dois. Ou, mais exatamente, se vós pretendeis formar uma casta de homens de conhecimento que sejam ao mesmo tempo de homens de poder, e portanto construir uma Teocracia, vós acabais por nada compreender, e tudo misturar. Consequentemente, é a confusão das línguas, é Babel. Do ponto de vista biológico, do ponto de vista fisiológico das funções do homem, é certo que há domínios que são do homem interior e que não são do homem exterior.

Castas

Todos aqueles que pertencem ao conhecimento, não pertencem à potência. Há forçosamente domínios no homem que escapam a toda a ação, a toda instrumentação, e, mais ainda, a toda repressão social. E esses domínios podem-se enumerar, facilmente, quando se vive essa experiência, porque se trata de uma experiência viva, de uma experiência vivida.

O acesso esta noção de interdependência universal, ou de intersubjetividade absoluta, quando se a vive provoca imediatamente uma mudança radical dos modos de existência.

É fatal: vós não podeis ter, no plano da avaliação dos valores, as mesmas noções, designadamente no domínio político, como é óbvio. E vós apercebei-vos que certos domínios são irreduzíveis a toda ação social, toda repressão social. Em primeiro lugar, o sexo, na sua função erótica, é claro! (A revolução sexual de Reich, para mim, é qualquer coisa extremamente confusa, é uma mistura de géneros, o freudo-marxismo, de que vos falei presentemente, é uma papa para os gatos, para falar polidamente... Vós não podeis aliar as teorias mais contraditórias. Esta teoria é uma teoria sincrética,

Sexo,
Arte,
Morte

é a moda, não é mais do que a moda.) Este primeiro domínio da ação e de compreensão do erotismo sexual pertence ao plano físico.

O segundo domínio irreduzível do homem pertence ao plano da alma, ao plano do corpo psíquico: é a arte. Também a arte não é socialmente instrumentalizável. Vós não podeis senão decretar, socialmente, e impor fórmulas. Mas isso não perdurará. É certo que o homem estará sempre em estado de criação, sejam quais forem os condicionalismos sociais nesse plano. Pelo menos provisoriamente.

E quanto aos domínios do espírito, quer dizer o terceiro domínio da constituição do corpo, o terceiro irreduzível a toda a instrumentação social – é evidentemente a meditação metafísica, para mim, é o problema da morte.

Todas as revoluções materialistas que pretenderam gerir estes problemas – extirpar designadamente a religião nas suas formas mais populares, e com reforçada razão nas suas formas metafísicas, nos meditativos da vanguarda, todas essas revoluções fracassaram a prazo. É fatal, vós compreendeis. Isto prova bem a relatividade das formas de potência.

*Potência vs
conhecimento*

Então presentemente a consequência é a seguinte: se se admite esta separação, se se admite esta reordenação, que vai ser, do ponto de vista institucional, em cem anos? Não faço a mínima ideia. Diria mesmo que se pretendesse interessar-me sobre isso, seria um pobre homem. Estes são problemas que me ultrapassam. Esse profetismo não é o verdadeiro profetismo. O verdadeiro profetismo, está no plano da consciência a que ele se liga, está no plano do espírito – não no plano das instituições políticas, é evidente. Mas o que eu em todo o caso sei, é que se eu não aceito esta separação entre a potência e o conhecimento eu cometo um pecado contra o espírito.

Vós dir-me-eis: nem toda a gente pode fazê-lo, bem entendido. Ou mais exatamente vós dir-me-eis: e se toda a gente o fizesse? Se ninguém quisesse por exemplo votar? Se ninguém quisesse interessar-se pela política? Isso seria colocar mal o problema, porque existem forçosamente pessoas que devem interessar-se pela política, em conformidade com a sua natureza. E contrariamente há pessoas que podem não se interessar, também em conformidade com a sua natureza. E todos têm uma vocação, e todos têm uma função, e o mundo caminha assim. Vós não podeis universalizar a torto e a direito... O grande erro do século XVIII, quando no plano científico se vivia na ilusão dos sistemas fechados, foi o de pretender universalizar os valores morais: é uma contradição absoluta. O que se fazia de um lugar, quer dizer isolar os fenómenos, caracterizá-los de uma forma específica, não se fazia no plano dos valores. Porquê? Havia ali uma contradição. Presentemente, eu digo: precisamos de fazer ao contrário – nós, que vivemos na noção de interdependência universal – precisamos de compreender que as funções sociais se organizam sinarquicamente de uma forma harmoniosa. E, por conseguinte, deixar aos homens de conhecimento a sua função. “*Deixai a deles, deixai a deles!*”! Eu falo muito mal ao dizer isto – “*Deixai a deles!*”, eles preocupam-se pouco! Eles tomarão o direito de permanecer homens de conhecimento, vós não os obrigareis a ser outra coisa, se essa for a sua vocação, se for essa a sua missão! Como diz o Baghavat-Gita: “*Todo homem que age em conformidade com a sua natureza atinge a perfeição*”. Eu deveria dizer antes: é necessário reconhecer aos homens de conhecimento a sua função.

*Baghavat
Gita*

*Sacerdócio
invisível*

Há presentemente uma espécie de sacerdócio invisível que está em vias de nascer, e o meu desejo aliás é que permaneça invisível, porque que à medida que ele quiser institucionalizar-se, começará a sua decadência, começará a sua profanação e o seu pecado contra o espírito. Mas não digais que este sacerdócio invisível, que na aparência não age socialmente, não digais que ele é inativo. É a lei da não-ação do Tao. Há na potência do espírito uma ação **que** vai, **que** age, mais longe que as galáxias. A ação imóvel está, na realidade, em harmonia, em ação, em reação com as forças mais longínquas do cosmos.

E, para terminar, eu gostaria de vos citar simplesmente duas frases. Uma é retirada da experiência mágica das tribos mais simples, mais antigas, mais tradicionais, as mais enraizadas na velha tradição

não evoluída. Logo que Jung, o psicanalista de Zurique visitou os Índios “Pueblos”, do sul dos Estados Unidos, o seu chefe disse-lhe “Mas, senhor, ajudai-nos! Se os Americanos continuarem, a impedir, a perturbar a nossa religião, e a impedir-nos de ajudar o Sol no seu curso através do céu, irão ocorrer catástrofes! Em dez anos haverá catástrofes para os Americanos, e para o mundo inteiro. A nossa missão é ajudar o Sol a atravessar o céu, no seu curso, todos os dias, e eles impedem-nos”.

Vejam como estes Índios tinham a noção de uma magia universal, ligada, simplesmente, aos ritos.

Há a ação dos ritos e há a ação do pensamento. E no outro extremo, no plano da meditação mais evoluída (aquele Índio tendo permanecido em contacto com a Tradição mais antiga, menos formalizada), há essa outra frase extraordinária da Cabala, que evoca o sábio, sozinho, na sua célula, à noite, diante dos livros da Lei – e meditando neles. Ele está só, ele está debruçado sobre esses livros, ele nada faz – ele é como o imperador da China, que governava o seu império sem se mexer – e a Cabala di-lo textualmente. “É o estudo da Lei que sustenta o mundo.”

E esta frase serve-me de resumo, de ilustração mais evidente, à não-ação e, como tal, à ação universal do pensamento.

Raymond Abellio
Lisboa, 31 de maio de 1977

Texto traduzido por José Guilherme Abreu, a partir do registo publicado em ABELLIO, Raymond (1987) *De la Politique à la Gnose. Entretiens avec Marie-Thérèse de Brosses*. Paris: Belfond, pp. 189-219.



Fig. 2- Abellio em Lisboa, 1977. Da direita para a esquerda: José Lima de Freitas, Raymond Abellio e David Mourão Ferreira. Fonte: LOMBART, Pierre (Dir), 1979, *Raymond Abellio*. In, *Cahier de L’Herne*, nº 36, fotografia nº 24.

Fig. 1 (capa)- Raymond Abellio a discursar durante a Conferência de Lisboa. Fonte: LOMBART, Pierre (Dir), 1979, *Raymond Abellio*. In, *Cahier de L’Herne*, nº 36, fotografia nº 28.